



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/sobre-clareiras/>

Sobre clareiras e capoeiras vagabundas

Lêda Valéria Alves da Silva¹

Sílvia Nogueira Chaves²

RESUMO: Este ensaio busca traçar com Manoel de Barros caminhos para pensar outra(s) Educação(ões) ambiental(ais). Foi isso que nos pusemos a fazer quando encontramos Manoel “pessoalmente” e com a filosofia de Deleuze. Com os poemas de Manoel fizemos uma composição para que ele falasse do assunto que estávamos tratando, ou seja, usamos as palavras e a boca de Manoel para falar o que queríamos e acreditamos. Na contramão dos imperativos pensados para o meio ambiente, propomos uma ideia de movimento, uma experimentação através da escrita poética de Manoel de Barros para pensar uma educação ambiental menor.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiente. Rizoma. Linhas de fuga.

About clearings and tramps poultry

ABSTRACT: This essay seeks to trace with Manoel de Barros ways to think about other environmental(s) education(s). That's what we set out to do when we met Manoel “personally” and with Deleuze's philosophy. With Manoel's poems we made a composition for him to talk about the subject we were dealing with, that is, we used Manoel's words and mouth to say what we wanted and believe. Contrary to the imperatives thought for the environment, we propose an idea of movement, an experimentation through the poetic writing of Manoel de Barros to think about a smaller environmental education.

KEYWORDS: Environment. Rhizome. Escape lines

1 Doutora em Educação em Ciências (UFPA) e Professora de Ciências da Rede Municipal de Educação. E-mail: lemaral22@gmail.com

2 Doutora em Educação (UNICAMP) e Professora do Instituto de Educação Matemática e Científica da UFPA. E-mail: schaves@ufpa.br



As miudezas nunca me encantaram.

Aliás, o chão.

Nunca pensei como lugar de beleza, senão de apanhar algo.

A riqueza, para mim, sempre estive na copa das árvores. Na altura e magnitude delas.

Madeeeeeeeeeira!!!

E lá se abria mais uma clareira;

Lá crescia mais uma capoeira;

Lá se ia toda vida...

Ficavam sempre os buracos...

Nunca vi esperança ali...

Nunca amei as insignificâncias...

Fui educada em um dos melhores assentos da biologia. Meu foco sempre foi a preservação do ambiente. Manter florestas em pé. As árvores de grande porte; os animais bonitos e “preserváveis”, porque é óbvio que eu não estudei para lutar pela vida dos matos, dos mosquitos, nem por ratos e urubus da feira. Mas é triste a conclusão de que a vida se resume à utilidade. A vontade de utilidade escolhe o que vive e o que deixa morrer. Dia desses vi na internet uma pessoa perguntar “qual o objetivo de vida da muriçoca?” O mais interessante foi uma das respostas: “elas servem de alimento para as lagartixas, que não servem pra nada”. A inutilidade não é uma virtude...

A inutilidade não é admirável. A experiência-do-nada não é animadora. Mas para pensar melhor sobre isso fui à casa do poeta Manoel de Barros, cuja obra tinha lido há algum tempo. Ele, talvez, pudesse me ajudar.

Manoel abriu a porta e logo mandou sentar. Não era de cerimônias, mas também não era de intimidades. Em todo caso não me privei do diálogo, afinal estava ali para isso. Perguntou o que eu queria e começamos a conversar sobre inutilidades, insignificâncias e outras banalidades. Conversa difícil, truncada, por vezes silenciosas entre uma bióloga que sempre operou por utilidades e um escritor que fala nadismos. No momento mais ensurdecido ele baixou a cabeça e logo disse que



Revista ClimaCom, Esse lugar, que não é meu? | pesquisa – ensaio | ano 9, no. 22, 2022
eu precisava *desinventar objetos. Usar algumas palavras que ainda não tenham*
*idioma. Há que se dar um gosto incasto aos termos*³.

Olhei seriamente como quem faz uma ressonância magnética do cérebro da pessoa já observando o “parafuso a menos” e respondi:

- Entendo...

No fundo ele sabia que eu não tinha entendido. Não que ele se importasse com isso, pelo contrário, Manoel nunca me explicaria aquilo do jeito que eu gostaria de ouvir, mas de uma certa forma ele se afeiçoou ao tema e disse estar disposto a compor o texto comigo como exercício de experimentar uma Educação Ambiental das Muidezas.

- Eu começo?

- Sim, não é você que quer *criançar* as palavras?

-mas vou escrever do meu jeito...

- *Procure com seus rios os passarinhos e desemende...*

Pensamento rio abaixo: *É... se der embaúba, ao menos vai formigar...*

Enviervar

A Educação Ambiental é um composto arborescente. À medida em que crescem seus galhos não tangenciam mais o chão, vão desconhecendo as particularidades. Daqui a pouco não vemos mais a copa, sua dimensão se torna superior, rígida. Tem um jeito de ser Educação Ambiental que é da ordem da forma, da unidade e como árvore tem que se manter firme para não envergar. Territorializar. Talvez por isso exista erva “daninha”, para lançar suas linhas desmobilizando as estruturas, crescendo para todos os lados, num ritmo intenso. É tudo o que a Educação Ambiental não quer: cheia de palavras de ordens, de imperativos, porém quanto mais se corta a erva, mais brota. Ela é imprevisível, precisa ser controlada.



Revista ClimaCom, Esse lugar, que não é meu? | pesquisa – ensaio | ano 9, no. 22, 2022

- Corta! É muita ousadia contrariar a ordem existencial da árvore...

Diz-se que a vida enviuvada não é uma virtude... mas é um bom trava-língua para a Educação Ambiental.

Manoelar

Ervinhas subideiras trepavam de meu casaco

Queriam crescer para passarinho

Comecei então a catar as ervas rasteiras que me arrastavam por analogia

A ervinha rasteira que num terreno baldio cresce por cima de canecos enferrujados pedaços de porta arcos de barril

Quase passarinho, arrumou casa no meu chapéu

Se propagou no sol

Acho que a gente deveria dar mais espaço para esse tipo de saber

Depende a criatura para ter grandeza de sua infinita deserção

E nossa grandeza tem muito cisco.

Clareirar

Na clareira o chão acumula água, alguma fumaça, resquícios de pau e pedra... mas é preciso não se limitar a eles. Neste instante alguma revolução acontece. O broto da resistência emerge, fazendo eclodir intensidades bloqueadas pela floresta maior. Há nela, sombras descoladas, pequenos deslocamentos rizomáticos que contagiam a paisagem descentralizando a forma árvore do protagonismo ambiental. De lugares precisos a uma habitação nômade. As clareiras são sempre passagem movendo potências, sem impor um modo de acontecer. A emergência é sempre uma surpresa, nunca se sabe o que vai insurgir. Não é possível adestrar as clareiras. Não há conformação no modo de ser. Ali é possível inventar a própria condição da experiência. Talvez uma educação



Revista ClimaCom, Esse lugar, que não é meu? | pesquisa – ensaio | ano 9, no. 22, 2022
ambiental menor em que as ideias possam ser fragmentadas nos (m)atos cotidianos,
nos emaranhados coletivos cipolescos. É uma possibilidade...

Manoelês

Era só água e sol de primeiro este recanto.

Por aqui é tudo plaino e bem arejado pra céu.

Tudo está preparado para a vinda das águas.

Deixo as sementes para a chuva enternecer.

*Teve a semente que atravessar panos podres, criames de insetos, couros, gravetos, pedras, ossarais
de peixes, cacos de vidro etc. — antes de irromper.*

Agora está aberto no meio do monturo um grelo pálido.

Nas fendas do insignificante ele procura grãos de sol.

As coisas que levam a nada tem mais importância.

Capoeirar

A capoeira é a paisagem do clareamento. É o encontro feliz do chão com o sol. Uma composição, que cria uma potência mato e, à medida que cresce (e cresce rápido!) vemos a força de ser matagal. Ali a capacidade de viver aumenta e isso é alegria. A alegria não é arvorecente, ela é capoeirescente, porque não é fixa, é fluxo que nasce da ceifa.

Descendente da lâmina, brota como herdeira da força da poda. Mas, para o professor de ecologia é apenas “uma capoeirinha vagabunda”, como ser alegre apreciando esse rastro, resto secundário? Como acreditar numa Educação Ambiental rasteira, rastejante? Ah, mas como é difícil pensar fora das copas, emboletar-se com húmus e cascas, fugir das alturas das imposições e adequações da vida! É difícil, porque crescemos para árvore, mas quase nunca para esporo. Nossa preferência em educação é sempre ligar a vida ao que ela deve e nunca ao que ela pode. Enquanto esporo podemos modificar nossa forma de ser, mas o risco é grande, então ficamos com a Educação Ambiental arborescente: nasce, culpa, reproduz e pune!



Manoelando

Incrível a alegria do capim.

Influi na doçura de seu canto o gosto que pratica de ser uma pequena coisa infinita do chão. Agora faz rastros neste terreiro.

Formigas fazem-lhe estradas...

As plantas me ensinavam de chão.

Fui aprendendo com o corpo.

Eu tenho um gosto rasteiro de ir por reentrâncias baixar em rachaduras de paredes por frinchas, por gretas — com lascívia de hera.

Só as coisas rasteiras me celestam.

O chão é um ensino.

Precisa muito de sempre

Passear no chão.

Miudezar

Gosto de pensar no lodo e nas baratas como militantes. Pequenas insurgências contra os inseticidas e contra os arranques. Vidas minoritárias que cada vez mais penetram e dominam as cidades. São potências se contrapondo ao poder sobre a vida. Da baixeza de suas existências, esses seres anunciam uma multidão que ainda não foi assaltada pela sobrevida. As miudezas fogem ao adestramento e ao condicionamento, o que acontece de todo dia ter que pensar em estratégias diferentes de resistir. Inventando buracos fora do dado. Indo por caminhos que levam a nada. As miudezas não procuram o dever-ser da vida, estão sempre produzindo encontros com o inesperado dela. Nosso problema com as miudezas é justamente esse: não produzimos bons encontros! Não temos gosto pela insignificância, pelo chão... Uma educação ambiental miúda requer atenção às trivialidades, mais que às urgências.



Manoelância

Havia um frescor de musgos na boca da terra

Fui criado no mato e aprendi a gostar das coisinhas do chão

Eu vi o chão, era uma boca de gente comida de lodo!

Seduz-me essa união rasteira das tripas com o musgo.

Seduz-me o trono dos insetos.

Eles enverdam já nas auroras.

São viventes de ermo.

Sujeitos que magnificam moscas — e que oram

Devante uma procissão de formigas...

São vezeiros de brenhas e gravanhas.

São donos de nadifúndios.

O nada os aperfeiçoa.

Vicejar

Há uma floresta miúda emergindo dos buracos arborescentes. Multiplicidades que preenchem os espaços, sem, contudo ter uma forma definida. Não há imponência em uma vida rizomática. Há liberdade de criar, de ser quebrado e retornar sempre diferente do que era. Vidas que mesmo conectadas não precisam de centro para se constituir, mas que a todo o momento difundem fortemente pelos subterrâneos, pela superfície, pelas bordas. Vida intensidade. Desafiam os muros, desconhecem os limites. Vivem sem pedir licença. Resistem. As flores (in)surgem, entregam sua vida ao destino. Como pensar uma educação ambiental rebelde sem cair na tentação de contê-la? Os extremos são a especialidade da vida. Quanto mais você corta, mais ela acontece!

Manoelagem

Ervas tolhiças crescerão nos interstícios do ser



Revista ClimaCom, Esse lugar, que não é meu? | pesquisa – ensaio | ano 9, no. 22, 2022

Arbustos de espinhos com florimentos vermelhos desabrem nas pedras.

Singular, tão singular...

Davam flor os musgos...

Agarrado aos muros ainda a brotar esta flor de sonho. Uma espécie de gosto por tais miudezas me paralisa.

Isto não tem importância.

Vou nascendo de meu vazio.

Fazer crescer o ínfimo não tem tamanho...

Depois do último verso Manoel me olhou profundamente. Perguntou o que eu faria com tantos versos e tantos textos. Eu como boa aluna respondi: - vou usar para nada. Ele sorriu. Agradei o encontro. Na porta perguntei por que ele havia me recebido se não gostava de inquéritos presenciais. Ele respondeu: - gosto daqueles que exploram *os mistérios irracionais; o amor pelas coisas imprestáveis; comparecem aos desencontros interiores... Ninguém sabe muito do seu fazer poético. Eu sei muito menos, mas gosto de apregoar inutencílios* com as pessoas, mais do que saciar curiosidades.

Manoel me fez pensar nos afetos insignificantes. Penso que uma educação ambiental das miudezas seja um encontro possível, aquela que se faz nos pequenos gestos, nos encontros cotidianos que festejam o estar vivo, olhando para o solo onde pisamos para encontrar restos com que se reconstruir.

Educação pelo escombro? O entulho é um lugar produtivo se estivermos abertos às composições. O que vai surgir? Impossível dizer. O que eu faço com o que vai surgir? Experimento!

Recebido em: 30/03/2022

Aceito em: 30/04/2022

Bibliografia



Revista ClimaCom, Esse lugar, que não é meu? | pesquisa – ensaio | ano 9, no. 22, 2022

BARROS, M. Entrevista. In: MULLER, A. (org.). **Encontros**. Rio de Janeiro: Azogue Editorial, 2010.

BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.